

[Capa](#)[Sobre Nós](#)[TEXTOS](#)[Blog](#)[Biblioteca](#)[Multimídia](#)[Interativo](#)[Contato](#)[Assine o feed RSS](#)[Envie para um amigo](#)[Ver todos os itens](#)

Autores



O burocratismo é mais embaixo

05 de Fevereiro de 2010 - por [Diogo Costa](#)Tags: [Funcionalismo Público](#) [burocracia](#)

Vejam esta lista. Nela encontram-se divididos os vencedores dos prêmios Nobel por país. Os Estados Unidos lideram com 320, o Reino Unido tem 116, a Alemanha 103, a França 57. O Brasil não tem nenhum. Zero. Conjunto vazio. Nossos vizinhos argentinos já somaram cinco. Até a Islândia, com uma população menor do que Piracicaba, já arrematou um Nobel.

As razões para a irrelevância brasileira nas ciências são muitas e de difícil medição, mas há uma tendência que nos mantém em ponto morto: o fato de que "os empregos estatais transformaram-se em objeto de cobiça dos melhores cérebros do País". A frase não é minha. Aparece na revista *Isto É* desta semana, que comemora o fato de muitos dos brasileiros mais capazes intelectualmente não estarem na academia nem liderando o empreendedorismo, mas dentro da repartição.

A drenagem dos cérebros pela máquina pública só tende a piorar. De acordo com a revista:

Ao todo, entre abertas, temporárias e programadas, são quase 400 mil vagas de emprego no serviço público, com salários iniciais variando entre o mínimo e os desejados R\$ 20,9 mil oferecidos a juízes substitutos dos Tribunais Regionais do Trabalho. "Hoje em dia, em média, um servidor público federal ganha o dobro dos seus congêneres na iniciativa privada", diz o professor de relações do trabalho da Universidade de São Paulo, José Pastore, deixando claro por que os concursos públicos têm atraído tantos candidatos. "Nos últimos oito anos os salários públicos da União tiveram um aumento real de 75%, enquanto os do setor privado, de apenas 9%."

Seguindo a furada **Cartilha do Politicamente Correto**, a matéria chama funcionário público de servidor. Eu vou chamar de funcionário, por desobediência.

E por causa da imprecisão do termo. Afinal, todos nós somos servidores públicos. O engenheiro que passa da iniciativa privada para o cargo público não se transmuta num ser altruísta. Ele continua priorizando sua carreira, seu "polpudo salário" e sua estabilidade. O rapaz que vende coco na praia está servindo ao público, os pedreiros que construíram os prédios da sua cidade estavam servindo ao público, os engenheiros que conceberam a tela em que você está lendo este artigo estavam servindo ao público. Só porque o sujeito extrai sua renda do imposto que você paga, e não do produto que você compra, isso não significa que ele serve mais ao público do que seu semelhante da iniciativa privada.

Na verdade, são exatamente os funcionários públicos, os burocratas, que menos servem ao público. Como não produzem, mas sobrevivem dos tributos, eles precisam extrair a sua renda do setor produtivo da sociedade. Ao passar do setor produtivo pro estatal, o profissional competente está passando do numerador para o denominador da economia: extraindo mais recursos do que criando.

O burocratismo ainda tem outros problemas menos aparentes. O empregado do governo também é um eleitor do governo: participa do processo político que lhe favorece. Quando ele olha para o orçamento, o que você acha que ele prioriza: a responsabilidade fiscal ou o aumento de seu salário? Quando vai às urnas, qual a sua mentalidade? A consciência do bem comum ou a garantia de estabilidade? O jogo aqui é de soma zero. O que o burocrata toma da sociedade é em geral transferência de recursos. E para fortalecer a defesa de seus interesses profissionais, os funcionários públicos se fundem em grupos de interesse. A sociedade como um todo sai perdendo, mas a categoria profissional consegue tornar ainda mais atraente a matrícula em seu grupo de interesse. Isso atrai mais candidatos, criando mais demanda por concursos e, por conseguinte, políticos dispostos a suprir essa demanda.

ARTIGOS

Por uma Itália competitiva
04.03.2008 por [Alberto Mingardi](#)
e [Carlo Stagnaro](#)

ARTIGOS

Derrota para a CPMF, vitória para o Brasil?
04.03.2008 por [Elisa Lucena Martins](#)

ARTIGOS

O que a África precisa de Liberdade
17.12.2007 por [Franklin Cudjoe](#)

ARTIGOS

A superioridade moral do mercado
19.12.2007 por [Tom Palmer](#)

ARTIGOS

A fria verdade sobre a Groenlândia
06.01.2008 por [Patrick J. Michaels](#)

ARTIGOS

Países ou pessoas ricas o são devido a que os pobres são pobres?
02.08.2010 por [Paulo Roberto de Almeida](#)

ARTIGOS

O liberalismo como ideologia ou como um conjunto de ideias (pt. 3)
30.07.2010 por [Bruno Garschagen](#)
tags: [liberalismo](#) [ideologia](#) [filosofia](#)

ARTIGOS

Rentistas e sanguessugas
29.07.2010 por [João Luiz Mauad](#)
tags: [rent-seeking](#) [rentismo](#)

ARTIGOS

Os economistas são responsáveis, mas a razão é outra
Assine nossa newsletter
28.07.2010 por [Pedro Albuquerque](#)
tags: [crise financeira](#)

No início do Século XIX, Charles Dunoyer percebeu esse ciclo na França pós-revolucionária. Em *L'Industrie et la morale* [A indústria e a moral], Dunoyer aponta para a burocracia como a substituta da aristocracia derrubada. A "paixão pelos cargos" levou à criação de uma classe de pessoas cujo principal interesse era a expansão da oferta dos empregos públicos. E não eram apenas os empregos que se multiplicavam, notava Dunoyer, mas também o poder da administração estatal, que precisava se inflar para acomodar a crescente demanda.

No século seguinte, o economista Ludwig Von Mises observou como que a ruína das repúblicas européias no início do século XX estava associada ao inchaço do funcionalismo público. A razão é compreensível: se os membros do congresso não mais se consideram mandatários dos pagadores de impostos, mas procuradores daqueles que recebem salários, pagamentos, subsídios e outros benefícios do tesouro, a democracia se torna insustentável.

O burocracismo é, portanto, uma doença sociopolítica que pode levar à falência das próprias instituições democráticas de um país. Enquanto isso não acontece, é a falência da produção intelectual que continua vitimando alguns de nossos melhores cérebros.

Pedir às pessoas para mudar seu comportamento, e não seguir a carreira do funcionalismo, é ilusão. Enquanto não aparecer uma liderança política que altere essa estrutura de incentivos, o Brasil continuará vítima da elefantíase burocrática.

ShareThis

Diogo G. R. Costa é editor de OrdemLivre.org

ARTIGOS

Palavras, contextos e crimes

27.07.2010 por [Julio Lemos](#)